

MEU NOME É ESTELA, estão me ouvindo? Eu disse: Es-te-la-Gar-cí-a.

Não sei se estão gravando ou tomando notas, ou se na verdade não há ninguém do outro lado, mas se estiverem me ouvindo, se estiverem aí, quero propor um acordo: vou contar uma história e quando chegar ao fim, quando eu me calar, vocês me permitem sair daqui.

Alô? Nada?

Vou entender seu silêncio como um sim.

Esta história tem vários começos. Eu até ousaria dizer que ela é feita de começos. Mas me digam: o que é um começo? Expliquem-me, por exemplo, se a noite vem antes ou depois do dia, se acordamos depois de dormir ou dormimos porque acordamos. Ou melhor, para não exasperá-los com minhas divagações, digam-me onde começa uma árvore: se na semente ou no fruto que antes envolvia a semente. Ou talvez no galho do qual brotou a flor que mais tarde se tornou esse fruto. Ou na própria flor, entendem? Nada é tão simples quanto parece.

Uma coisa semelhante acontece com as causas, elas são tão confusas quanto os começos. As causas da minha sede, da minha

fome. As causas deste confinamento. Uma causa leva à outra, uma carta cai sobre a seguinte. A única certeza é o desfecho: no final, nada resta de pé. E o desfecho desta história é o seguinte, vocês querem mesmo saber?

A menina morre.

Oi? Nenhuma reação?

É melhor eu repetir, talvez uma mosca tenha zumbido no ouvido de vocês ou tenham se distraído com uma ideia mais aguda ou mais estridente que minha voz:

A menina morre. Agora vocês ouviram? A menina morre e continua morta, não importa por onde eu comece.

Mas a morte também não é tão simples, nisso acho que estamos de acordo. Acontece com ela uma coisa parecida com o que ocorre com o comprimento e a largura de uma sombra. Muda de pessoa para pessoa, de animal para animal, de árvore para árvore. Não há duas sombras idênticas sobre a superfície da terra, e tampouco duas mortes iguais. Cada cordeiro, cada aranha, cada tico-tico morre à sua maneira.

Vejamos o caso dos coelhos... Não percam a paciência, isso é importante. Vocês já pegaram um coelho nas mãos? É como segurar uma granada, uma bomba-relógio macia. Tique-taque, tique-taque, tique-taque. É o único animal que morre de medo com frequência. Basta o cheiro de uma raposa, a suspeita distante de uma cobra para que seu coração dispare e suas pupilas se dilatam. A adrenalina, então, dá uma martelada no coração e o coelho morre antes que as presas se cravem no seu pescoço. O medo o assassina, entendem? A simples antecipação o mata. Numa fração de segundo, o coelho intui que vai morrer, vislumbra como e quando. E essa certeza, a do seu próprio fim, o condena à morte.

Isso não ocorre com os gatos, os pardais, as abelhas ou os lagartos. E o que dizer das plantas? A morte de um salgueiro ou

de uma hortênsia, de um olmo ou de uma caneleira. Ou a morte de uma figueira, essa árvore robusta, com seu tronco sólido e cinza como o cimento. Matá-la exigiria uma causa poderosa. Que inverno depois de inverno, ano após ano, um fungo letal penetrasse seus galhos e finalmente, depois de décadas, apodrecesse suas raízes. Ou que uma serra a amputasse e transformasse seu tronco num punhado de madeira.

A mesma coisa acontece com todas as espécies, com cada ser que habita este planeta. Cada um deve encontrar sua justa causa de morte. Uma causa capaz de dobrar a vida, uma razão suficiente. E a vida, como vocês sabem, se prende a alguns corpos com muita força. Torna-se vigorosa, teimosa, e é muito difícil desprendê-la. Para conseguir isso, é necessário ter a ferramenta adequada: o sabão para a mancha, a pinça para o espinho. Vocês podem me ouvir aí do outro lado? Estão prestando atenção em mim? Não é possível que um peixe morra afogado no fundo do mar. E um anzol mal arranharia o palato de uma baleia. Também não se pode ir mais longe, é impossível morrer mais do que o necessário.

Não estou fugindo do assunto, não se preocupem, este é o limite da história. E é preciso circundá-lo antes de penetrar nela. Que entendam como cheguei aqui, que acontecimentos me levaram a este confinamento. E que vocês se aproximem, pouco a pouco, da causa da morte da menina.

Eu matei, é verdade. Juro que não vou mentir para vocês. Matei moscas e mariposas, galinhas, vermes, uma samambaia e uma roseira. E há muito tempo, por compaixão, também matei um leitão ferido. Daquela vez senti pena, mas o matei porque ele já ia morrer. Ia morrer lenta e dolorosamente, então fui e antecipei sua morte.

Mas vocês não estão interessados nessas mortes, não é isso que desejam ouvir. Não se preocupem, vou direto ao ponto, à

tão esperada causa da morte: um punhado de comprimidos, a queda de um avião, uma corda em volta do pescoço... alguns, apesar de tudo, sempre sobrevivem. Para esses poucos, a tarefa de morrer não é tão fácil. Homens que precisam da batida de um caminhão, de uma bala no peito. Mulheres que se atiram de um sexto andar porque o quinto não seria suficiente. Para outros, ao contrário, basta uma simples pneumonia, uma corrente de ar frio, um caroço entalado na garganta. E uns poucos, como a menina, só precisam de uma ideia. Uma ideia perigosa, afiada, nascida num instante de fraqueza. Vou falar dessa ideia para vocês. Vou dizer quando ela surgiu. Agora parem o que estão fazendo e prestem atenção em mim.

O ANÚNCIO DIZIA ASSIM:

Procura-se empregada, boa aparência, período integral.

Não especificava mais do que um número de telefone que logo se transformou num endereço, e para lá me dirigi vestida com uma blusa branca e esta mesma saia preta.

Fui recebida na porta, pelos dois. Falo do patrão e da patroa, do senhor e da senhora, dos chefes, dos amos, vocês escolhem como querem chamá-los. Ela estava grávida e, quando abriu a porta, pouco antes de apertar minha mão, me examinou de cima a baixo: meu cabelo, minhas roupas, meus tênis ainda brancos. Foi um olhar minucioso, como se isso lhe permitisse averiguar alguma coisa importante a meu respeito. Ele, por outro lado, nem sequer me olhou. Estava escrevendo uma mensagem no celular e, sem levantar a vista, apontou para a porta que dava acesso à cozinha.

Não poderia reproduzir as perguntas que me fizeram, mas sim algo muito curioso. Ele havia se barbeado e um filamento de espuma brilhava sob sua costeleta direita.

Oi? Que foi? Uma empregada não pode usar a palavra filamento?

Parece que ouvi uma gargalhada, uma risada não muito amistosa do outro lado da parede.

Estava dizendo que aquela mancha me desconcertou, era como se um pedacinho da pele dele tivesse sido arrancado e por baixo não houvesse sangue ou carne, mas uma coisa branca, artificial. A patroa percebeu que eu não conseguia parar de olhar para ele e, quando finalmente notou a espuma, umedeceu o polegar e limpou a pele dele com um pouco de saliva.

Vocês devem estar se perguntando: qual a importância disso? Nenhuma, essa é a resposta, embora me lembre bem do gesto do patrão, da maneira como afastou a mão da esposa recriminando-a por aquela exibição de intimidade diante de uma completa estranha. Algumas semanas depois, eu estava arrumando a cama do casal, e ele de repente saiu do banheiro. Eu achei que ele já tinha ido trabalhar, mas lá estava ele, na minha frente, totalmente nu. Quando me viu, não se assustou, nem sequer pareceu incomodado. Pegou a cueca com calma, voltou ao banheiro e fechou a porta às suas costas. Me expliquem vocês o que aconteceu entre o primeiro dia e os seguintes.

Eles precisavam de alguém o mais rápido possível. O patrão perguntou:

Pode na segunda?

A patroa:

Talvez hoje mesmo?

Na geladeira, havia um papel com cada uma das minhas tarefas. Assim, não seria necessário perguntar se a empregada sabia ler, se podia escrever a lista do supermercado, os recados no caderninho ao lado do telefone. Eu me aproximei, li a lista, tirei o papel e o enfiei no bolso. Asseada, assertiva, uma empregada com formação suficiente.

Posso começar na segunda-feira, respondi.

Eles imediatamente concordaram. Nem me pediram referências. Depois entendi que tudo corria contra o tempo naquela casa, embora a pressa deles, tanta pressa, seja uma coisa que jamais entendi. Quem se apressa perde tempo, era o que dizia minha mãe quando eu saía atrasada para a escola e cortava caminho pela horta. E o tempo, me avisava, não se pode vencer. Essa corrida está combinada desde o dia em que nascemos. Mas estou divagando... Contava a vocês sobre as horas que lhes faltavam nos dias e dos poucos dias que faltavam até que a primeira filha deles nascesse.

Eu sei o que vocês vão me perguntar, e a resposta é não. Eu não tinha experiência com crianças, e não menti para eles. Minha mãe me dissera ao telefone: não minta para eles, Lita, nunca minta no primeiro dia. Então eu disse, sem hesitar:

Não tenho filhos, não tenho sobrinhos, nunca troquei uma fralda.

Mas a decisão já estava tomada. A patroa tinha gostado da minha blusa branca, da minha trança longa e arrumada, dos meus dentes retos e limpos, e que em nenhum momento eu tivesse ousado encará-la.

Assim que as perguntas terminaram, me mostraram o resto da casa:

Aqui estão os produtos de limpeza, Estela.

As luvas de borracha, o pano.

Aqui o kit de primeiros socorros.

As esponjas, o cloro, o detergente, os lençóis.

Aqui a tábua de passar, o cesto de roupa suja.

O sabão, a máquina de lavar, a caixa de costura, as ferramentas.

Que nada apodreça, Estela.

Que nada passe da validade.

Faxina completa às segundas-feiras.

Regar o jardim toda tarde.

E não abrir a porta para ninguém, nunca, em hipótese alguma.

Não me lembro de muito mais, exceto que naquele dia eu tive um pensamento, e esse pensamento permaneceu comigo. Enquanto caminhava pelo corredor, pelos banheiros e espiava cada um dos cômodos, enquanto observava a sala de estar, a sala de jantar, o grande terraço e a piscina, pensei, muito claramente: esta é uma casa de verdade, com pregos cravados nas paredes e quadros pendurados nesses pregos. E esse pensamento, não sei por quê, doeu aqui mesmo, entre meus olhos. Como se um incêndio tivesse começado e queimasse bem neste ponto.

NÃO ME MOSTRARAM O QUARTO DOS FUNDOS. Estou falando do dia da entrevista. Aquele que eles chamavam de “seu quarto” e que vou chamar de quarto dos fundos. Só o vi na segunda-feira seguinte, no meu primeiro dia de trabalho. A patroa me recebeu, pálida, a pele do rosto coberta de suor.

Fique à vontade, disse ela, e se retirou para descansar.

Entrei na cozinha, só eu, e fiquei surpresa por não ter notado antes aquela porta tão estranha. Confundia-se com os azulejos das paredes, como uma cripta secreta. Me aproximei e a deslizei. Sabiam que era uma porta de correr? Para não ocupar espaço. Para não esbarrar na cama. Não se empurrava como uma porta comum, então eu a deslizei para a esquerda e entrei no cômodo pela primeira vez.

Anotem o que havia lá dentro, talvez tenha alguma importância: uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira bem pequena, um abajur, uma cômoda, uma televisão velha. Dentro da cômoda, seis uniformes: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado. Domingo era o meu dia de folga. Não havia quadros nem enfeites, apenas uma janelinha. Também um banheiro com ducha, uma

penteadeira velha e algumas manchas de umidade que pareciam gargalhar.

Fechei a porta atrás de mim e fiquei parada, com os lábios subitamente secos. Senti minhas pernas amolecerem e sentei na beira da cama. Aí tive uma sensação... como descrevê-la? Senti que ainda não tinha entrado naquele quarto e que eu mesma, de fora, olhava para a mulher que eu seria a partir daquele momento: os dedos entrelaçados sobre a saia, os olhos secos, a boca seca, a respiração agitada. Notei que a porta do quarto era feita de um vidro opaco, cancelado. O patrão já deve ter proferido para vocês uma de suas palavras favoritas: *trans-lú-ci-do*. Uma porta de vidro translúcido ligava o dormitório à cozinha. E lá vivi durante sete anos, embora nunca, nem uma vez, o tenha chamado de “meu quarto”. Escrevam isso nas suas atas, vamos lá, não se acanhem: “ela se recusa categoricamente a se referir ao cômodo como seu quarto”. E acrescentem, à margem: “negação”, “ressentimento”, “possível motivação criminosa”.

Depois de um tempo, ouvi alguém entrar na cozinha e me esperar do lado de fora... ou de dentro. Não sei. Talvez aquele quarto estivesse do lado de fora e a cozinha estivesse do lado de dentro. Algumas coisas são confusas, pelo menos para mim: dentro, fora; presente, passado; antes, depois.

A patroa pigarreou, engoli em seco e disse:

Já estou indo.

Ou talvez ninguém tenha pigarreado e eu também não tenha falado nada, e aquela mulher, que seria eu pelos próximos sete anos, se despiu e passou um uniforme pela cabeça. Achei-o muito apertado no pescoço, estreito demais para mim, mas quando quis desabotoar o primeiro botão notei que ele não tinha casa. Um botão de enfeite na garganta da empregada doméstica. Os outros cinco uniformes tinham o mesmo botão falso.

É estranho que eu me lembre desse detalhe e não tenha a menor ideia do que fiz no resto daquele dia. Não sei se cozinhei. Não sei se lavei. Não sei se reguei. Não sei se passei roupa. Dessas semanas não me lembro de nada além da nossa perseguição constante. Se eu entrasse na sala, a patroa ia furtivamente para a sala de jantar. Se eu entrasse na sala de jantar, ela fugia para o banheiro. Se eu quisesse limpar o banheiro, ela se trancava no escritório. Não sabia o que fazer, para onde ir. Era difícil para ela se movimentar por causa da gravidez, mas era preferível fugir a ficar sozinha e muda com uma estranha. Porque é isso que eu era, uma estranha. Não sei quando deixei de sê-lo. Quando ela começou a me pedir para lavar as calcinhas dela à mão, a me dizer Estelita, a menina vomitou, passe água sanitária no chão, por favor. Mas perguntem a ela a data do meu aniversário, perguntem a ela quantos anos eu tenho.

Naquela primeira semana, eles nem sabiam como me chamar. Trocavam meu nome pelo da que havia trabalhado antes de mim naquela casa. A que esfregava o fundo da privada e tirava o lixo às terças e sextas-feiras. A que preparava salada russa e os via deitados na cama. Nunca me disseram nada, mas sei disso porque nenhum deles era capaz de pronunciar corretamente meu nome.

Mmmestela, diziam.

Ainda me pergunto qual era o nome da anterior: María, Marisela, Mariela, Mónica. Não tenho dúvida com relação à inicial; demorou meses para desaparecer.

Quanto a mim, sempre a chamei de “senhora”. A senhora não está. A senhora vai comer alguma coisa? Que horas a senhora volta? Mas seu nome é Mara, senhora Mara López. Certamente, quando foi chamada para depor e ela olhou para vocês como se olha para uma mancha, como se constata um erro, disseram-lhe: “Senhora Mara, por favor, sente-se. Aceita um copinho d’água?

Aceita um chá? Prefere açúcar ou adoçante?”, enquanto se perguntavam, como eu, quem diachos se chama assim. É como se chamar Julia ou Verônica. Como viver com uma ausência.

Havia algo nela. Como um... deixem-me pensar. Um desapego. Ou não. Essa não é a melhor palavra. Um desprezo, melhor. Como se todos lhe provocassem tédio, ou qualquer tipo de cumplicidade a repugnasse. Pelo menos essa era sua fachada. A máscara que cuidadosamente usava manhã após manhã. Por baixo dela: ficava vermelha de raiva quando o marido chegava tarde do trabalho e toda vez que a filha cuspiu a comida já mastigada no prato; e sua pálpebra, a esquerda, tremia sem parar, como se um pedacinho do próprio rosto quisesse escapar e nunca mais voltar.

Mas eu me perdi, é verdade. Deve ser a falta de hábito. O rosto da patroa não tem importância, devo falar a respeito dele também.

Ele, vocês adivinharam, eu o chamava de “senhor”, embora às vezes eu o chamasse de “seu pai”. Onde está seu pai? Seu pai já chegou? Mas o nome dele é Cristóbal. Senhor Juan Cristóbal Jensen. Um homem um tanto rude, com entradas de uma calvície precoce e olhos de um azul-celeste semelhantes aos da chama do aquecedor. Todas as manhãs, antes de sair, murmurava a mesma frase: mais um dia de trabalho. Talvez fosse um mantra ou realmente o detestasse. Estou falando do trabalho, não se assustem. Odiava os colegas, as enfermeiras, cada um dos seus pacientes. Vocês já devem tê-lo visto com a camisa bem passada, os sapatos bem engraxados, esperando que alguém lhe agradeça por salvar a vida. Ou talvez ele vestisse o jaleco branco para que o chamassem de “doutor”. Ele adorava isso, que se referissem a ele como “doutor Jensen”. Mas escrevam isto nos seus papéis: ser médico não importa. Não quando sua única filha morre. Não quando você é incapaz de salvá-la.

Falávamos pouco, ele e eu. Bastava servir-lhe a comida pontualmente e deixar as camisas limpas e passadas. Eu não saberia mais como descrevê-lo, talvez vocês possam me ajudar. Como definiriam uma pessoa que não fuma, que quase não bebe, que pondera cada palavra antes de dizê-la, a calcula, para evitar excessos que o levem a perder tempo? Um homem obcecado com o tempo:

Vamos comer daqui a uma hora, Estela.

Esquente a comida em quinze minutos.

Estou dez minutos atrasado para a clínica.

Tenho dois minutos para tomar café da manhã.

Chego num minuto, abra o portão.

Vou contar até três.

Dois.

Um.

Uma perpétua contagem regressiva.